



AMAURI SEGALLA

MERCADO S/A

amaurisegalla@diariosassociados.com.br

ALÉM DE O HOME OFFICE FUNCIONAR BEM, BOA PARTE DOS COLABORADORES MUDOU DE CASA, RUMO AO INTERIOR. E POUCOS PARECEM DISPOSTOS A VIVER COMO ANTES

Funcionários não querem voltar ao velho normal

Se a nova realidade funciona, por que abrir mão dela? Adotado às pressas no início da pandemia do novo coronavírus, o home office cativou funcionários e agora obriga as empresas a rever seus modelos de trabalho.

Uma das primeiras companhias a adotar a jornada a distância, o Google enfrenta resistência dos empregados para voltar ao velho normal — ou seja, aos escritórios. O retorno está previsto para setembro, mas um movimento iniciado nas redes sociais ganhou força nos últimos dias, a ponto de muita gente ameaçar pedir demissão se for forçada a dar expediente nas unidades da empresa. Além de o home office funcionar bem, boa parte dos colaboradores mudou de casa, rumo ao interior. E poucos parecem dispostos a viver como antes. Nos Estados Unidos, uma pesquisa nacional concluiu que 39% dos profissionais consideram se demitir caso seus empregadores não admitam o home office, nem que seja apenas alguns dias da semana.

Michael M. Santiago/AFP - 25/1/21



RAPIDINHAS

A rede de presentes Imaginarium, uma das marcas do Grupo Uni.co, firmou parceria com a plataforma de doações Ribon, eleita pela Fundação Bill & Melinda Gates uma das startups mais inovadoras do mundo na área da filantropia. Com a iniciativa, as vendas no e-commerce da Imaginarium poderão resultar em doações. Em apenas 15 dias, 10% dos clientes aderiram à novidade.

A Nespresso Professional, segmento da empresa voltado para o mercado corporativo, avança no país — a divisão está presente em 87 municípios mineiros e 36 cidades do Distrito Federal — graças a uma novidade: as máquinas com tecnologia touchless, que são acionadas a distância por meio de sinal enviado pelo smartphone.

Quer fazer turismo de luxo? A França acaba de inaugurar um dos hotéis mais vips do planeta. Ele fica no complexo que integra o Palácio de Versailles, nos arredores de Paris, e certamente se tornará uma das estadias mais exclusivas do mundo. A diária mais barata custa 1,7 mil euros (R\$ 10,5 mil).

E por falar em luxo: as grifes automotivas descobriram o potencial do ramo imobiliário. Há alguns dias, a Aston Martin lançou, em Miami, o edifício residencial Aston Martin Residences, com 391 unidades espalhadas por 66 andares. A cobertura custa US\$ 50 milhões e vem com um mimo: um Aston Martin modelo Vulcan

BRF responde por quase 80% dos novos investimentos em Goiás

O governo de Goiás anunciou, há alguns dias, que o estado receberá R\$ 305 milhões em investimentos privados. O interessante é que quase 80% desse valor (R\$ 233 milhões) serão desembolsados por uma única empresa, a BRF. Segundo a companhia, o montante será direcionado para a modernização e ampliação das plantas de Rio Verde, Jataí, Buriti Alegre e Mineiros. Além do mercado interno, as unidades de Goiás exportam para países da Ásia, Oriente Médio, África e América do Norte.

Nelson Almeida/AFP - 17/3/17



Startup cresce com inteligência artificial que fala português

A Alana Ai, startup brasileira que desenvolve inteligência artificial, viu suas receitas triplicarem em 2020. Uma das razões, diz a empresa, é que seu sistema nasceu com um diferencial: ele fala português e espanhol. No mercado, a maioria das soluções é traduzida do inglês. Atualmente, a Alana atende empresas como Coca-Cola, Nivea, Johnnie Walker e Polishop, mas a ideia é chegar também aos pequenos negócios. Para isso, conta com R\$ 20 milhões captados em rodadas de investimentos estrangeiros.

Por que os brasileiros estão comendo menos carne?

O brasileiro consumirá em 2021 a menor quantidade de carne vermelha dos últimos 25 anos, segundo projeção feita pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A principal razão apontada pelos especialistas é o preço: nos últimos 12 meses, a inflação do produto foi de 35,8%, o que afasta principalmente os consumidores de baixa renda. Será apenas isso? O aumento do vegetarianismo é uma tendência global e, cedo ou tarde, afetará os negócios no Brasil. Será que já afetou?



A grande devastação provocada por esta crise não foi entre o grande empresariado, mas no dono do pequeno negócio, que não tem fôlego para resistir"

Marco Stefanini, CEO e fundador da multinacional de tecnologia Stefanini

978 mil

vagas de emprego foram geradas pelo setor privado americano em maio. O mercado esperava 650 mil novos postos de trabalho. Com a vacinação em massa, a economia americana deslança

Aumento no número de mortes no país, causadas pela pandemia do novo coronavírus, tem levado famílias a planejarem o legado dos bens para as futuras gerações. Registros em cartórios aumentaram mais de 130% ao longo do ano passado

Sucessão prática e em paz

» VERA BATISTA

A pandemia do novo coronavírus fez o brasileiro acordar para a necessidade de deixar de lado o preconceito com o planejamento sucessório. Diante das mortes precoces pela covid-19, houve uma profunda alteração na cultura de que é mau agouro deixar pronto um testamento, segundo advogados que militam com o direito de família e nas varas de órfãos e sucessões.

O avanço da covid-19 no país — que nas últimas 24 horas fez mais 1.692 mortes, totalizando 469.388 óbitos, segundo o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) — fez o número de testamentos disparar no Brasil. Os registros em cartórios aumentaram mais de 130% ao longo de 2020. A

lei brasileira tem várias especificidades, mas, no geral, 50% do patrimônio do falecido vão para ascendentes, descendentes e cônjuges — os herdeiros necessários. Mas há casos em que, se não for feito um testamento, outros parentes, mesmo aqueles que há anos não têm qualquer relação com a pessoa que morreu, podem reivindicar a herança e até mesmo ganhar a causa. Isso ocorre, por exemplo, com primos que pretendem levar parte daquilo que deixou um tio, sem que tenham sido contemplados no testamento.

“Eles não têm qualquer direito certo à herança, mas, caso não



haja qualquer indicação de vontade, podem acabar se beneficiando. Por isso, se há alguém a quem se quer deixar uma propriedade, é fundamental que isso esteja declarado”, destacou Hugo Cysneiros, advogado especialista em direito empresarial.

A administradora de empresas Joana de Bezerra Moura, 44 anos, tem dois filhos de oito anos, os gêmeos Rafael e Sofia, e é divorciada. Ela decidiu registrar o testamento em cartório para evitar problemas no futuro. “Procurei um advogado e o procedimento foi rápido. Foi importante saber que temos 50% disponível, além

do obrigatório para a família, e que é possível dar orientações até mesmo sobre quem vai cuidar de nós na velhice, por exemplo. Não concordo com essa superstição de que, quando se fala em testamento, se está atraindo a morte”, assinalou.

O cartório, também, agilizou o processo. “Me fizeram perguntas importantes para que ficasse demonstrado que eu estava fazendo o testamento pela própria vontade e não estava sendo coagida”, explicou.

Ela disse, ainda, que aproveitou a oportunidade para deixar uma mensagem didática aos filhos, além de indicar a irmã para tomar decisões quando ela “faltar”. Como Rafael e Sofia ainda são pequenos, Joana diz que a intenção é que, ao longo do tempo, sejam feitos ajustes no documento.

Redes Sociais/Reprodução



Joana com Sofia e Rafael. Ideia é ir ajustando os termos do testamento

ENERGIA

Presidente da Funai enxerga conluio e para obra de linhão

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcelo Xavier, decidiu transformar o processo de licenciamento ambiental de uma obra de transmissão de energia em investigação policial. No dia 12 de maio, a Polícia Federal abriu inquérito, após ser acionada por Xavier, para investigar lideranças indígenas e nove servidores da própria Funai, sob a acusação de que atuariam para colocar “diversas barreiras e entraves à aprovação” do projeto, que pre-

vê a instalação de uma rede de alta tensão entre Manaus e Boa Vista. A investigação surpreendeu não apenas os funcionários da Funai, mas também a equipe do próprio governo federal, que atua nos processos de concessão e estava em etapa final da articulação com povos indígenas da região, para chegar a um acordo sobre a passagem da linha.

Do total de 721km previstos no traçado da rede para ser erguida ao lado da BR-174, rodovia que liga a capital amazonense à

roraimense, 125 km passam dentro da terra indígena Waimiri Atroari, onde vivem mais de 2,1 mil índios em 56 aldeias. Os moradores não são contra a obra, mas exigem que sejam consultados sobre a construção e cobram medidas para reduzir os impactos. Essas consultas estão em andamento.

No inquérito, que foi aberto pelo delegado da PF Eduardo Zozimo de Andrade Figueira Neto, são citados nove servidores da Funai, além do líder indí-

gena Mário Parwe Atroari e membros da Associação Comunidade Waimiri Atroari (ACWA), da Associação de Apoio às Atividades do Programa Waimiri Atroari (Adawa) e da Preservar Arqueologia e Meio Ambiente. Um dos citados no processo, e que foi chamado pela PF para prestar esclarecimentos, é o advogado Jonas Filho Fontenele de Carvalho, que atua na defesa dos Waimiri e representa a ACWA. Segundo relato de Xavier no processo, Jonas teria “ascendência” sobre o líder indígena Mário Parwe Atroari, dificultando o processo de licenciamento. O advogado rebate afirmando que não há como haver ascendência sobre os indígenas da região, que possuem seus próprios líderes e, histórica-

mente, decidem internamente quais são as suas posições.

Esta não é a primeira vez que o presidente da Funai recorre à PF para investigar um líder indígena. O mesmo expediente foi aplicado contra a líder indígena Sonia Guajajara, da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), além do líder Almir Suruí. Os dois processos foram arquivados em 5 de maio, após a polícia não ver elementos para seguir com as investigações.

Dentro da Secretaria Especial do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), órgão federal que centraliza as principais concessões do setor, a movimentação da Funai contra os servidores e líderes indígenas não foi bem recebida. Há forte receio de que o processo de licenciamento do

componente indígena, que já tinha concluído a tradução do material para os índios e estava em fase final de negociação, possa ser comprometido.

Leiloado em setembro de 2011, o linhão Manaus-Boa Vista nunca saiu do papel e, agora, tudo indica que a obra terá de ser relicitada. Em março, a Justiça Federal do Distrito Federal acatou pedido da concessionária que venceu o projeto para erguer a linha, a Transnorte Energia, formada pela Eletro-norte e pela Alupar, para rescindir o contrato, além de determinar que as empresas sejam indenizadas pela União. O motivo é a falta de licenciamento ambiental, que segue travado mesmo depois de quase 10 anos da concessão.